

Reflexões do

Jonas Wahnou

Balança Comercial de Cabo Verde e
das suas omissões

Quem, desprevenidamente, observar a Balança Comercial (Cambial) de Cabo Verde, através das Estatísticas que ali se publicam, não deixará de se alar-mar perante a verificação do seu resultado deficitário, pois não restam dúvi-das de que os valores das exportações são muito inferiores aos das importações.

Talvez, no entanto, haja algum interesse oculto em se omitir a publicação das importâncias provenientes de outras fontes, cuja soma automaticamente al-teraria a situação, agora apresentando o referido resultado substancial supe-ravit em vez de deficit.

Muita gente ignora que Cabo Verde, apesar das suas diminutas exportações, a única colônia portuguesa que até hoje sempre teve o privilégio de possuir excedente de divisas, as quais não só têm chegado amplamente para pagar todas as suas importações, como sobejam para ir engrossar as reservas da metrópole por intermédio do Banco Nacional Ultramarino que delas também se serve para as suas transacções.

As referidas divisas, que diariamente entram no arquipélago, são proveni-entes das mais diversas origens, como sejam:

Avultadas remessas de emigrantes Caboverdeanos residentes em quasi todas as partes do mundo, mais acentuadamente nos Estados Unidos da América do Nor-te e Holanda; saques das Agências e Companhias reabastecedores de oleos e com-bustíveis à navegação que escala o Porto Grande de S. Vicente; água e frescos fornecidos à dita navegação; despesas portuárias, pilotagem e outras taxas pa-gas ao Estado; gastos das tripulações e passageiros em trânsito; telegramas e portes dos correios pagos pelos mesmos; divisas provenientes do aeroporto da ilha do Sal, respectivo hotel, alfandega, etc. e, por, fim, as ditas expor-tações, como sal, pozolana, bananas, conservas, peixe, etc.

O Banco Nacional Ultramarino, em virtude dos seus contratos com o govêr-no da metrópole, tem o exclusivo de todas as operações de câmbios, razão pe-la qual mantém agentes em todas as ilhas do arquipélago, cuja função é unica-mente adquirir as cambiais remetidas pelos nossos emigrantes. Não me repugna acreditar que se-ja esse (o negócio de câmbios) o motivo principal da perma-nência do referido Banco em Cabo Verde, pois possuindo igualmente o monopólio de toda a circulação fiduciária de Cabo Verde, realisa um alto negócio trocan-do o simples papel da sua emissão, sem valor algum em nenhuma outra região do

Globo, por cambiais de aceitação universal.

Talvez, por isso, fosse oportuno indagar-se, desde já, qual é o encaixe de que o B.N.U. dispõe em Cabo Verde, que garanta o resgate das suas notas quando soar a hora da independência desse território, não vá repetir-se o que há muitos anos aconteceu, quando o dito Banco era também o Emissor das notas de Angola. A nova geração talvez desconheça o assunto, porque já se passaram muitos anos. Mais ou menos foi o seguinte:

Em cerca época, o B.N.U. introduziu em Cabo Verde alguns milhares de contos da sua emissão de Angola. Toda a gente recebia essas notas indiferentemente como se de Cabo Verde fossem, pois foi o próprio B.N.U. que as puzera em circulação. Mais tarde, o mesmo Banco passou a recebe-las com desconto. Toda a gente estranhou mas foi caindo naésparrela sem tujir nem mugir. Ante a passividade geral, o B.N.U. foi aumentando o desconto até que em certo dia, sem tir-te nem guar-te, resolveu não as aceitar mais. Todas as reclamações foram inúteis e as representações ao Governo não encontraram eco, pois o B.N.U. era então o Deus tão poderoso. O povo amotinou-se, rodeou o B.N.U. de S.Vicente pronto a assalta-lo, enquanto o gerente mandava arrear as portas de ferro. O velho professor Augusto Miranda, homem, naquele tempo, que gosava de muito prestígio junto do povo, colocou-se à frente da multidão e após breves palavras convidara o povo a dar uma "voltinha" pelo quarteirão num gesto de intimidação ao gerente. No entanto, este requisitara forças e a breve trêcho tudo se dispersou sem causar nenhum mal a ninguém. O mal foram batatas. Cada um ~~um~~ suportou o ~~prejuizo~~ seu prejuizo como pode.

S. Vicente, S.P., 30/7/1974

Jonas Wainon

JONAS WAINON
Av. Emb. Pedro de Toledo, 82 - ap. 52
Telefone 8-3784
S. Vicente - S.P. - (Brasil)

*Como autógrafo e pedido
para ser divulgado.
D. Manuel P.
17-8-74*

Alguns pontos de vista sobre o projecto de criação
dum Trust Caboverdeano de Investimentos na colónia
cabo-verdeana dos Estados Unidos

Apesar das dificuldades de tradução, parece-me ter atingido a essência do projecto. A sua análise levou-me às seguintes reflexões:

I. A Introdução não traz nova luz à problemática económica e social do povo cabo-verdeano. É surpreendente que o autor tome como pontos de partida para as suas inferências as ilhas Virgens, Cuba e Jamaica, como se algum paralelismo devesse resultar para a situação política, económica e social desses países com Cabo Verde pela simples circunstância de todos serem ilhas. Muito mais interessante teria sido uma retrospectiva do desenvolvimento da Suécia e da Libéria. Sabemos que a Suécia era ainda no princípio do Século um dos países mais pobres e atrasados da Europa, com um fluxo emigratório enorme, sobretudo para os Estados Unidos, Canadá e Austrália. A descoberta de nova tecnologia siderúrgica, permitindo aproveitar os abundantes jazigos de ferro de baixo teor da Lapónia, e o encarecimento da pasta para papel vieram criar as condições materiais para o extraordinário desenvolvimento sueco. É a partir de então que se verifica o retorno em massa de emigrantes suecos, detentores não só de consideráveis economias, mas de habilitação técnica de primeira ordem.

A Libéria foi criada em 1822, por escravos libertos dos Estados Unidos. Com o decorrer do tempo, os descendentes desses escravos acabaram por ~~constituir~~ se constituir em uma casta ao serviço do capital norte-americano e oprimida dos autóctones.

Os dois exemplos são altamente elucidativos no momento em que nos debruçamos sobre o problema de definir uma estratégia de desenvolvimento para CV, e de situar a contribuição que a emigração cabo-verdeana poderá dar a esse desenvolvimento.

O ensinamento chave do exemplo sueco poderá ser resumido nos três pontos seguintes:

- o centro das decisões permaneceu sempre no país;
- o país conquistou independência técnica pela entrada dum grande número de nacionais com elevada qualificação profissional,

